

CEDI - P. I. B.
 DATA 06/05/94
 CDD VAD 00348

1

* YOM HASHOÁ YANOMAMI (Já no livro)

Para início de conversa: o massacre dos Yanomami de Haximú, não foi um só, foram vários, e estão todos relatados por seus participantes: garimpeiros e índios. É só ler o Laudo Pericial da Polícia Federal, conforme inquérito policial número 078/93-DPF.1/RR/19.ag.93-30.set.93/2volumes. A imprensa (jornal, rádio e televisão) documentou como pôde e foi o suficiente para se chegar aos fatos - houve o massacre. O resto é apenas uma prática comum de fazer persuadir a opinião pública: tudo que se vê não é aquilo que se vê, é apenas o que EU quero que vocês vejam.

Duvidar da cremação de cadáveres pelo leviano argumento dos Yanomami não possuírem modernos crematórios ou forno de microondas? É ridículo. É a mesma coisa que duvidar dos primeiros viajantes cruzando oceanos, descobrindo outros continentes antes de existir as modernas embarcações transatlânticas ou, ainda, da cartografia antes dos satélites.

É neste jogo de sofismas que são manipulados todos os fatos hediondos do nosso cotidiano: Candelária, Vigário Geral, Carandiru, Esquadrão da Morte, Corruptos do Orçamento, Camarilha do Governo Collor, Extermínio de Crianças, etceteras e etceteras...

Que fique claro: falar em assassinatos de índios no Brasil é pleonasma.

Conta um mito dos índios Hixkaryâna que um cidadão desafiando a luz do sol, afirmou não ser verdade que o sol alimentava todas as coisas de nossa Terra, água, plantas, pedras... e pôs-se a desafiá-lo cara a cara, horas à fio, mergulhando inexoravelmente nas trevas, "e seu rosto empretejou de escuridão". Alguém ainda tentara persuadi-lo, quando um outro alguém aconselha: "Deixe-o, não se preocupe, ele é apenas um tolo". Em outras palavras, este mito quer dizer: "cego é aquele que não quer ver".

Em nosso país, nos tempos da férrea ditadura, muitos cidadãos foram assassinados, torturados e quando os parentes e a sociedade cobravam do governo, recebiam a solene resposta: "Não existe tortura, nem presos políticos no Brasil". Quando o jornalista Vladimir Herzog apareceu morto numa cela de prisão, apesar da foto mostrar irrefutavelmente ser impossível alguém suicidar-se daquele jeito e naquelas circunstâncias, revelava-se o lado espetacular dos assassinatos sob tortura. Levou-se anos para que a família de Herzog e a sociedade brasileira tivessem uma resposta honrada diante daquele odioso crime.

É comum ainda hoje, apesar dos filmes, livros, documentos, fotos e depoimentos de sobreviventes, surgirem argumentos

para dizer que o HOLOCAUSTO praticado pelos nazistas não passou de uma farsa. Estes senhores escrevem livros, organizam-se em seitas e clubes para criar ninhos de seguidores que logo passam da prática intelectual para as agressões físicas.

O Brasil, nosso país, tido como "laboratório democrático racial" sempre se recusou a discutir sua identidade nacional; quem o faz aliás, são os músicos e compositores e a música "PARATODOS" de Chico Buarque é um belo exemplo.

Enquanto isso, os poderes executivo e legislativo nos fazem ignorar esta realidade, apesar de nossas dimensões territoriais e da diversidade regional. A questão étnica, esta então, recusam-se a encará-la. O fato de falarmos no Brasil a mesma língua, nos faz crer que falamos e pensamos em uníssono, monocórdio absolutamente previsível nestes oito milhões e quinhentos mil de quilômetros quadrados, habitados por mais de 150 milhões de pessoas, cantando no mesmo tom. Não é verdade. Há décadas, olhamos o Brasil como se fôssemos uma terra nordestina no curto-circuito Rio-São Paulo.

Aprendemos a ignorar o resto do país, como a Amazônia, lugar longínquo, incapaz de ser incorporada em nosso roteiro de viagem. Meio ambiente, índios e animais exóticos são a afirmação de uma armadilha que romantiza, idealiza e transforma a Amazônia num "falso santuário", deixando os flancos abertos para aventureiros de toda ordem imporem uma terra sem lei. E na falta de inimigos palpáveis destes novos tempos de geopolítica, a Amazônia surge para a falsa argüição da ocupação estrangeira.

A verdade é que aqui nesta Amazônia, a história do Eldorado não é uma fábula. É um manancial de recursos naturais, bilhões de dólares em madeira nobre, provavelmente a última floresta tropical esperando para ser abatida; os ricos minérios de ferro, ouro, manganês, níquel, bauxita, estanho, nióbio, linhito, potássio e calcário nesta floresta, de fato estão. E, no entanto, tanto a Amazônia com o Brasil caminham à deriva, abismados de riqueza e futuro, não conseguindo chegar a lugar nenhum, apenas caminhando sobre ossos de civilizações indígenas, exemplos vivos da forma vitoriosa da ocupação da Amazônia. Talvez por isso, o projeto de desenvolvimento brasileiro tem sido um malogro. Vê-se hoje na Amazônia o raio-X da prática secular da nossa economia predadora que sempre caiu no conto "Galinha dos ovos de ouro".

O tolo que encara o sol e perde a luz do conhecimento é o mesmo que não consegue entender a Amazônia múltipla. Quando aproximamos nosso olhar para os povos indígenas, aí então a coisa fica cubista e o tolo se mantém na escuridão. É o caso do Sr. Janer Cristaldo, no artigo "Os Bastidores do Ianoblefe" quando tenta, como esses mesmos senhores que ainda negam o HOLOCAUSTO, as câmaras de gás, os campos de concentração... É o que este senhor tenta fazer apopleticamente, ao sofismar no seu "Ianoblefe". E ele vai longe, o senhor Cristaldo, quando nos vieses de sua argumentação nos faz crer que os povos indígenas são os culpados por sua própria tragédia, por seu próprio holocausto.

Massacres na verdade, são apenas o lado espetacular dos fatos. Por exemplo, quando se fala em garimpo apenas ficamos com a imagem do garimpeiro fugidivo, ou com aquela visão de Serra Pelada, no Pará, e seus oitenta mil garimpeiros misturados à lama catando e juntando ouro com as próprias mãos. O escândalo provocado pelas imagens de milhares de homens imundos de barro estarreceu o mundo, que se viu diante de um quase cenário épico nos filmes holywoodianos sobre os faraós. Jogava-se de volta na nossa cara, porém, uma paisagem de escravidão. No meio daquela cratera aqueles homens arrancavam sua liberdade. Escravos ou homens livres? Isso pouco importava, o que interessava era o OURO. Era o que afinal os libertaria...

A Serra Pelada, hoje, não tem mais imagens. Mas ela fica para simbolizar o desrespeito, a impunidade, o malogro pela ausência de qualquer projeto consistente para a região.

Os garimpeiros são os miseráveis que avançam para fora das fronteiras nacionais em busca do Eldorado, monitorados por interesses que desconhecem, os poderosos grupos de atividades mineral. São eles que ganham no lucrativo mercado do ouro, mas não aparecem, julgam-se no direito de não ter deveres algum. Sobre estes senhores não se fala, sequer conhecem-se seus nomes. O fato é que na bacia amazônica hoje, o garimpo está erodindo os solos, bloqueando cursos d'água com lodo, contaminando o ecossistema e população com mercúrio. A Organização Mundial da Saúde anuncia oficialmente que mais de um milhão de pessoas estão hoje, na Amazônia, envenenadas pelo mercúrio.

O massacre de Haximú é aquela mesma imagem espetacular da Serra Pelada, encobrendo os verdadeiros conflitos. No caso Haximú, importa se foram "19, 40, 73, 89, 120, e finalmente 16 cadáveres chacinados?" (vide frase do Sr. Cristaldo) Imaginem se 16 membros de sua família tivessem sofrido todo tipo de sevícias, ou colocados como reféns por bandidos que invadiram a festa de aniversário em sua casa. Estes bandidos não mataram todos os 25 convidados ou membros de sua família, mas mataram e seviciaram apenas 16 membros de sua

família. Faz diferença? Hitler não matou 8 milhões de judeus mas foram apenas 6 milhões. Faz diferença?

Esta contabilidade em que muitos gostam de embarcar é evidentemente, uma contabilidade contando juros e lucros para aqueles que estão explorando as riquezas no território Yanomami, um território amazônico, brasileiro, mas para quem nada ficará, porque toda esta riqueza sairá sornateiramente, contrabandeada, à luz do dia. Que tal uma CPI da exploração do ouro na bacia amazônica? Que se esclareça logo de uma vez o que é garimpo e o que é mineração.

E o que importa se o massacre foi no lado do território da Venezuela ou do Brasil, pergunto? Isto seria hipocrisia, pois querem todos acreditar que lá, naquelas lonjuras, vive-se o jogo da terra de ninguém e o que vale é o ouro. E mata-se por ele como foi o massacre dos Yanomami de Haximú.

E vejam só. O Sr. Cristaldo ao querer colocar os índios como inimigos mortais da Nação, cita o caso dos índios Waimiri-Atroari, justamente aqueles que nos anos sessenta, vendo suas terras invadidas por interesses de mineradoras, reagiram à invasão matando e morrendo. Lembro mais: Tudo isso foi naquela época, a do cerceamento das liberdades de expressão e comunicação. O que aconteceu? Lá está instalada a Paranapanema explorando cassiterita na terra dos Waimiri-Atroari. E lembro ainda mais os Txucarramãe tiveram uma história parecida, assediados por fazendeiros. Esse grupo Kayapó começou a sentir suas terras encurtando sob seus pés, reagiram, mataram e foram mortos, até ganharem um pedaço de terra no Parque do Xingú.

E lembro mais: em 1985 outros índios, também Kayapó, no sul do Pará, frequentaram as manchetes da imprensa nacional como inimigos mortais dos recém chegados fazendeiros, madeireiros e garimpeiros. Os Kayapó reagiram matando. E morrendo.

Hoje, na cidade de Redenção, sul do Pará, se está vivendo algo novo: novo para os juristas, novo para os antropólogos, novo para o Brasil. É a primeira vez que índios e brancos associam-se na mesma rota do crime no comércio ilegal do ouro e madeiras nobres (mogno) sem que eles sejam ameaçados de extermínio. Os Kayapó transformaram-se nos maiores correntistas e aplicadores econômicos da região. Quem é Paulinho Paiakã senão a melhor imagem e semelhança de seus sócios criadores? Aliás, Paulinho Paiakã é um dos dinâmicos caciques empresários que ostentam sua riqueza com luxuosos automóveis, mansões, aviões empregando brancos e índios em seus inúmeros negócios, fazendo surgir uma massa indígena ávida de consumo, deixando o comércio local excitado e a população regional com água na boca.

Em dias de liberdades democráticas a ágil comunicação audio visual eletrônica faz dos Yanomami um superlativo de atenções do mundo. Mas essa sua história não se diferencia das outras acima lembradas, é exatamente a ganância do ouro, ou das madeiras nobres que faz dos Yanomami personagem aparentemente confuso neste artigo do Sr. Cristaldo. Ele nada quer explicar, quer apenas confundir.

O verdadeiro massacre dos Yanomami vem acontecendo desde a chegada dos garimpos em seu território no início da década de oitenta, quando já morreram 15% de sua população que era de 20 mil pessoas (Brasil/Venezuela).

E o pobre do garimpeiro? Esta é a outra história que nem o sindicato dos garimpeiros deseja contar. Com quem fica, para onde vai e quanto se tira em minérios das terras indígenas? Por que não se propõe uma sociedade com os índios, cria-se um fundo, divide-se os lucros, investindo em infra-estrutura (educação e saúde) procurando outras técnicas que não sejam estas que estão erodindo os solos, envenenando os rios e matando as pessoas que deles usufruem para sua vida?

O garimpeiro é a nesga, é também o lado espetacular de uma tragédia nacional brasileira. Quem sabe, se as mineradoras repassassem as riquezas do território Yanomami para os índios, em breve surgiria um deles com câmera na mão e uma idéia na cabeça para contar os bastidores desta história. Assim como fez Steven Spielberg em a "A Lista de Shindler".

Ainda assim alguns tolos haveriam de continuar encarando o sol, mergulhando suas faces nas trevas da infâmia.

* em hebraico significa "Dia do Holocausto"

nota: é indigno e desrespeitoso o texto que a editoria do artigo citado, publicou debaixo de uma foto dos parentes dos massacrados: "Ianomamis Que Se Dizem (sic) Sobreviventes Do Massacre Carregam Cinzas de Corpos". Caderno MAIS 24 de abril de 1994.

São Paulo, 24 de abril de 1994.

Aurélio Michiles

é cinevideasta. Entre outros documentários, dirigiu: "Que Viva Glauber!", "A Árvore da Fortuna", "A Agonia do Mogno", "Lina Bo Bardi", "Davi Contra Golias Brasil Caim"

endereço: Rua Cristalândia, 146 - 05465-000
telefone: 260-6463 fax: 825-7861 A/C CEDI